

Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad.
N°23. Año 9. Abril 2017-Julio 2017. Argentina. ISSN 1852-8759. pp. 58-68.

Um olhar sobre o corpo na revista brasileira Superinteressante: conexões entre imaginário e tecnociência

A look at the body in the brazilian magazine Superinteressante: connections between imaginary and technoscience

Damiati, Djaine *

UNESP, Faculdade de ciências e letras, Araraquara, Brasil.
djainedamiati@gmail.com

Castro, Ana Lucía **

UNESP, Faculdade de ciências e Letras, Araraquara, Brasil.
castroanalucia75@gmail.com

Resumo

Partindo de algumas chamadas de capa de edições da revista Superinteressante, publicadas nos últimos anos, este trabalho propõe uma reflexão acerca do imaginário edificado sobre a constituição de um “novo humano”, expressão da busca de um ideal de perfeição corporal e potencialmente criado por meio dos recursos da tecnociência, apresentada pela revista como parte de uma inevitabilidade histórica. Para tanto, buscamos rastrear alguns marcos histórico-filosóficos que levaram à construção do imaginário acerca da tecnociência - recorrentemente difundido pela revista em foco - tais como a origem da crença na ciência como fonte de verdade e sua relação com o imaginário industrial no século XIX, além da hegemonia cibernética na contemporaneidade e sua colocação a serviço da busca por um corpo não só saudável e belo, mas acima de tudo eficiente e, senão eterno, ao menos longo.

Palavras-chave: Culto ao corpo; Cibernética; Tecnociência; Imaginário.

Abstract

Building on some issues of the magazine cover calls Superinteressante published in recent years, this paper proposes a reflection on the imaginary built on the creation of a “new human” search expression of an ideal of bodily perfection and potentially created through the resources of technoscience, presented by the magazine as part of a historical inevitability. Therefore, we seek to trace some historical and philosophical milestones that led to the construction of the imaginary of techno-science - recurrently released by the magazine in focus - such as the origin of belief in science as a source of truth and its relation to the industrial imagery in the nineteenth century, beyond the hegemony of cybernetics in contemporary times and their placement in the service of the search for a body not only healthy and beautiful, but above all efficient and, if not eternal, at least durable

Keywords: Cult of the body; Cybernetics; Technoscience; Imaginary.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em ciências sociais UNESP/FCL/Araraquara, São Paulo, Brasil e professora do Curso de Bacharelado em Design Digital na Universidade de Araraquara UNIARA /Araraquara, São Paulo, Brasil.

** Doutora em ciências sociais (IFCH/UNICAMP) e professora do Programa de Pós graduação em ciências sociais, UNESP/FCL/Araraquara, São Paulo, Brasil.

Um olhar sobre o corpo na revista brasileira *Superinteressante*: conexões entre imaginário e tecnociência

Introdução: A construção de uma ciência “super interessante”

“Ele pode ser imortal. Em 50 anos, é possível que ninguém mais morra de velho. A ciência está preparando um arsenal de drogas e tecnologia que poderá manter você vivo para sempre. E com o corpo que sempre quis” (fev.2010); “O futuro do seu corpo. Olhos que veem no escuro. Força sobre-humana. Seios maiores sem silicone. Novas funções para o cérebro – e até um sexto sentido. Tudo isso já existe e logo estará em você. Conheça a mais radical transformação do nosso tempo: a reinvenção do corpo humano. (ago. 2011) “Como fazer um superbebê. Eles serão projetados por cientistas, terão imunidade contra doenças e a aparência que os pais escolherem. Conheça os bebês de laboratório – porque um dia você vai ter um. E eles já começaram a nascer” (fev.2012); “Sorte. (...) A ciência já sabe que isso não acontece por acaso”(ago.2012);“O mundo secreto do inconsciente. Sim, ele existe. (...) As últimas descobertas da ciência desvendam o lado oculto da mente e confirmam a principal teoria de Freud” (fev.2013); “Fé faz bem. É a ciência que está dizendo: quem crê em algo acima de si, vive mais, ganha melhora é mais feliz” (nov.2013); “Como eles veem o mundo. Estudos surpreendentes revelam que cães, gatos e cia são bem mais inteligentes e sensíveis do que a ciência imaginava”(out.2012);“A dieta da ciência. Chocolate pode emagrecer, adoçante pode engordar (...)” (nov. 2013).

As chamadas de capa acima mencionadas foram colhidas entre as edições publicadas nos últimos quatro anos da revista *Superinteressante*¹.

1 Referimo-nos à publicação brasileira de tiragem mensal que iniciou suas atividades em 1987, sendo uma derivação da revista *Muy Interesante* publicada em vários países do mundo, da qual a editora brasileira Abril S/A comprou os direitos para desenvolver a versão no país e que atualmente exporta matérias para as filiais estrangeiras. Seus dirigentes afirmam que se trata de uma revista de curiosidades culturais e científicas. Neste segmento é, atualmente, a revista mais vendida em todo o Brasil com uma

Trata-se de uma pequena amostragem que tem por intuito, neste momento, apenas ilustrar os argumentos aqui desenvolvidos. Se as observarmos com atenção, notaremos que todas elas apresentam um discurso de crença na ciência, buscando induzir o leitor a um estado de aceitação não crítica sobre as novas descobertas voltadas ao aprimoramento do corpo humano e suas tendências.

O objetivo deste trabalho é lançar um olhar para as temáticas detectadas nas capas das edições de *Superinteressante*, afim de provocar uma reflexão acerca do imaginário sobre a existência de um “novo ser humano”, expressão da busca pela perfeição corporal. Este imaginário é alimentado pelas revistas de massa que publicam conteúdos sobre tecnologia e ciência no Brasil, como é o caso da *Superinteressante*, bem como é edificado sobre a crença hegemônica na tecnociência, característica da contemporaneidade. Para tanto, mapearemos alguns marcos histórico-filosóficos que contribuíram para a construção do imaginário existente em torno da tecnociência e da crença em sua suposta eficácia na busca pela almejada perfeição corporal que marca a cultura contemporânea. O *culto ao corpo* - traço cultural marcante na contemporaneidade (Castro, 2007) - é, certamente, alimentado e reforçado pelas promessas da tecnociência propagadas otimisticamente pela revista.

Em uma análise de conteúdo realizada em capas da revista *Superinteressante* publicadas entre 2004 e 2014 relacionadas ao tema corpo, detectamos que, de fato, não é preciso uma quantidade muito ampla de chamadas para constatar a enorme frequência com que as palavras “ciência” e “cientistas” aparecem anunciando uma promessa de longevidade, emagrecimento ou aprimoramento da tiragem de aproximadamente 400.000 exemplares. (Fonte: Entrevista concedida exclusivamente para pesquisa de doutorado em andamento, realizada pela autora com o editor chefe da *Superinteressante* Denis Russo Burgierman em 03/09/2014.)

“performance corporal”. Se observarmos com atenção as entrelinhas do texto e as composições imagéticas das capas e suas respectivas matérias, perceberemos a importância atribuída à instituição ciência e aos seus representantes, bem como sua inexorabilidade, especialmente quando são tratados temas que dizem respeito ao corpo e ao futuro do humano.

Em um primeiro momento, pode parecer natural que uma revista como a *Superinteressante*, publicação que se dedica ao infoentretenimento² baseado em ciência e tecnologia, já conhecida pelo realismo fantástico³ intrínseco ao estilo jornalístico característico da publicação, venha a explorar temas que, em geral, causem alguma polêmica. Embora seja evidente o caráter fantástico e imaginativo das reportagens e em especial das chamadas de capa, há uma busca pela legitimação destes argumentos que se mostra quando o reporter abandona a voz enunciativa da revista e dá espaço para a “fala da ciência”, ou seja, coloca em evidência o discurso direto do cientista. Notemos que isto ocorre quando há, por exemplo, trechos de entrevistas realizadas com cientistas, responsáveis pelas pesquisas retratadas, ou ainda trechos de livros publicados pelos mesmos.

Buscando orientar nossa investigação sobre os aspectos aqui apresentados, formulamos três perguntas-chaves às quais procuraremos responder ao longo do texto. A primeira é: que ciência é esta à qual a revista se refere? As chamadas remetem apenas a uma ciência ou a várias? E, por fim, por que razão a revista nos conduziria a pensar que esta “ciência” mencionada seria capaz de garantir o estatuto de verdade aos seus argumentos?

Se tomarmos apenas os exemplos usados na amostragem do início do texto, podemos depreender que as chamadas possivelmente estariam evocando a engenharia genética, a neurociência, a biotecnologia, bem como as ciências da computação e da informação. Tais campos do conhecimento possuem suas raízes nas ciências naturais ou exatas e de alguma forma combinam traços da perspectiva informacional, estando em grande parte voltadas à produção, a uma visão desenvolvimentista e à uma lógica neoliberal

2 Estratégia de produção de sentido na mídia que nasce do embaralhamento das fronteiras entre entretenimento e informação (Gomes, 2008).

3 As características do gênero literário chamado de “realismo fantástico”, foram incorporadas ao jornalismo realizado pela publicação que o herda de sua matriz européia, a revista espanhola *Muy Interesante*, cuja inspiração clara foi o fenômeno cultural francês gerado pelo surgimento da revista *Planète* ainda na década de 1960.

e por este motivo encaixariam-se no que estamos chamando aqui de tecnociência.

O termo tecnociência, de acordo com Gilbert Hottois (2006) –o qual atribui a si próprio a autoria, foi utilizado pela primeira vez em 1978, em um artigo intitulado *Ética e tecnociência*, publicada na revista *Filosofia e a moral Laica: O pensamento e os homens*, na Bélgica. O autor explica que o conceito foi criado com o intuito de dar conta das mudanças ocorridas no contexto social em que se desenvolveram as ciências a partir do século XIX, tornando-o cada vez mais técnico e processual com o passar do tempo. O que podemos dizer é que, a partir de então, o imbricamento entre as duas entidades – técnica e ciência - acentuou-se ao ponto de ser praticamente impossível, nos dias atuais, distinguirmos os limites em que suas atividades se originam.

Para Garcia (2010), a fusão entre ciência, tecnologia e indústria foi fundamental para que as sociedades industriais se firmassem ao longo do século XX, período em que a ciência foi adquirindo crescentemente um perfil industrializado manifestado com mais potência no período pós-guerras mundiais, juntamente com a crença de que tal justaposição estaria alinhada com os ideais de bem estar da humanidade.

A aliança formada pela junção entre ciência e tecnologia, ajudou a infundir a convicção de que o bem estar humano se articulava de perto com a mudança tecnológica, expectativa que nunca foi verdadeiramente posta em causa pelos movimentos socialistas. Havia uma confiança mais ou menos generalizada de que os avanços tecnológicos ajudariam a humanidade a superar muitas das suas carências e fragilidades. (Garcia, 2010: 68).

Notemos aqui que a ideia de tecnociência está diretamente conectada ao imaginário industrial e ao pensamento saintsimoniano que projetava no industrialismo uma forma de conduzir a sociedade ao bem estar. Lembremos ainda que foi por meio de seu emprego na indústria que ciência e técnica tornaram-se tão próximas. Martins (2012) nos conta que a ideia de uma “sociedade científico-industrial” teve origem na França no início do século XIX com uma sociedade emergente, de características peculiares e vista como dominante, concebida como um tipo ideal ou referencial para as sociedades que se pretendiam avançadas. (Martins, 2012: 133)

E é deste imaginário de progresso e desenvolvimento que a tecnociência se alimenta até os dias de hoje, constituindo-se ainda como um pilar das sociedades pós-industriais. No entanto, vale dizer que tal imaginário encontra sua contrapartida no peso das grandes opressões do nosso tempo: a tecnocracia, o capitalismo globalizante, os modos de regulação neoliberalistas, o esgotamento dos recursos naturais, acumulação de riquezas, abismos sociais e a perda de valores humanistas que orbitam no contexto de suas práticas.

Hottois (2006) conta que as imagens negativas acerca da tecnociência tomaram vulto mundialmente a partir dos anos 80, mas sabemos que elas encontram eco nos dias de hoje, especialmente entre os que questionam os aspectos éticos, morais e ontológicos envolvidos no bojo de suas inovações. Entretanto, há que se considerar que a visão mais progressista –aquela herdada do imaginário industrial saint-simoniano– é preponderante no domínio midiático. Além disso, os interesses que a alicerçam, são os mesmos que alavancam a indústria da informação e do entretenimento, responsável por difundir a ideia de que a ciência e a tecnologia são a única forma de tornar o futuro um lugar onde estejam banidas as incertezas, os desprazeres, escassez, as dores e por que não dizer, a morte.

Se tomarmos algumas chamadas de capa da revista *Superinteressante* brasileira como ilustração deste *modus operandi* da difusão midiática de um imaginário sobre a tecnociência nos dias de hoje, teremos uma clara amostragem da projeção criada para sustentar a ideia de que ela caminha em função de uma inevitabilidade histórica. Em outras palavras, intervenções como modificações genéticas, próteses cerebrais, construção de órgãos por impressão computadorizada 3D, ou até mesmo a transposição da mente humana para uma máquina, apresentam-se como resultado de um já esperado processo evolutivo da ciência – leia-se da tecnologia também, já que estas já não podem ser dissociadas no âmbito das intervenções mencionadas- e portanto, parte da evolução “natural” da espécie humana.

A discursividade impressa nas reportagens da *Superinteressante*, aponta para a magnanimidade da ciência enquanto fonte de inovação técnica e conseqüente motor do crescimento econômico, tal como nas sociedades do século XIX, quando as visões que teorizaram a instauração de um modo definitivo de produção, capaz de prover a abundância

e a autoridade intelectual da ciência como mudança interior ao mundo. De acordo com Martins,

Por ciência, entendiam não apenas um conjunto de disciplinas ou um corpo de descobertas fiáveis, mas também um “modo de cognição” coerente e compreensivo, unitário e invariável, que acabaria por desfrutar da supremacia sobre todas as alternativas, superando as grandes tradições da razão clássica, a lógica ou o trivium por inteiro, bem como as pretensões genéricas de qualquer metafísica e, por fim, alcançando ou vendo ser-lhe reconhecido um monopólio virtual daquilo a que poderíamos chamar os “meios de orientação” societal no mundo. (Martins, 2012: 135)

Como vimos, a partir do século XIX, a ciência passa a gozar, não apenas de um lugar de prestígio junto às instituições que compõem a sociedade industrial, mas torna-se também uma espécie de linguagem através da qual o mundo passa a se orientar, com uma lógica específica e universalizante capaz de sobrepor-se às demais formas de conhecimento, vindo daí o caráter de verdade atribuído ao resultado de suas atuações.

Na esteira destas transformações, há que se considerar também em que circunstâncias ciência e tecnologia passaram a operar de forma tão simbiótica. Definir a tecnologia como aquela que produz conhecimento para aplicação imediata, e a ciência como a que é capaz de gerar conhecimento generalizado para resultados a longo prazo, seria distingui-las de modo reducionista.

Neste ponto chegamos a um dilema que diz respeito ao interesse das corporações e da lógica de mercado que há tempos encontra-se intrincada no campo da produção de conhecimento, pois uma visão destas apenas reforça a ideia de que o conhecimento tecnológico tem como nascedouro o ambiente corporativo. Segundo Musso (2014), há uma relação estreita entre conhecimento e indústria que se configurou em meio ao ambiente de ideias do século XIX, que pode ser explicitada em duas ideias-chave do pensamento saintsimoniano.

A primeira é a de que a indústria carregava consigo todas as virtudes e promessas que constituíam um mito moderno: abundância, riqueza, progresso, trabalho, liberdade, paz, saber, inteligência, constituindo assim, o ideal de uma nova sociedade edificada a partir destes valores. A outra, diz respeito

à aliança entre a indústria e a ciência e à construção de um imaginário, segundo o qual, a ciência e o conhecimento deveriam ser aplicados à indústria e serem orientados para a produção, colocando-se ao seu serviço, sendo a ciência um complemento daquela. (Musso, 2014: 23-24)

Sabe-se que os saintsimonianos e em especial Augusto Comte (1798 – 1857), que veio a se tornar o grande mentor da nova religião industrial e positivista, apregoavam a ideia de que a indústria era “uma grande revolução mental” capaz de elevar a inteligência humana do regime teológico para o regime positivista, obviamente sob uma perspectiva de que a civilização estaria caminhando evolutivamente para o estado positivo ou científico e ao crescimento industrial.

Segundo Musso (2014: 26, tradução nossa), “A indústria é a ciência aplicada e implicada na laicização do mundo. A modernidade é a indústria considerada como um desenvolvimento da ciência, que marca o triunfo do espírito positivo e do mito do progresso.” O autor acrescenta que as alegorias do século XIX para a indústria eram sempre feminilizadas: a mulher-mãe, a mãe indústria. Elas representavam a fecundidade, a paz, sempre associadas à ciência e ao trabalho de criador. (Musso, 2014: 27-8, tradução nossa).

As inferências de Musso (2014), acerca do imaginário industrial do século XIX, nos fazem ver que a lógica com a qual a tecnociência opera nos dias de hoje, apresenta-se como um corolário das ideias do industrialismo saintsimoniano, cuja visão evolucionista perdura, contribuindo assim para acentuar seu caráter de autocentramento, de potência criadora e de busca pela hegemonia do seu *modus operandi*.

O lugar de potência criadora herdado da indústria pela tecnociência se dá a ver no prolongamento do processo de entrelaçamento entre conhecimento científico e produtividade, mas especialmente na condição de total plasticidade tecnológica da matéria, especialmente no campo da biotecnologia, onde as possibilidades tem se ampliado em um horizonte extraordinário.

Martins (2012) nos fala que os desígnios da tecnociência no que diz respeito às mudanças, transformações e reconfigurações na vida natural estão inclusos na gama do considerado como tecnicamente possível nos dias de hoje e neste rol estão as interferências em todas as espécies, incluindo os seres humanos (Martins, 2012: 133). Segundo o autor,

Um pouco como se o tecnicamente possível coincidissem cada vez mais com o fisicamente possível, conjugando um cenário de uma cosmogonia tecnologicamente plenitudinária, com uma recém-descoberta, e espantosa, plasticidade de coisas vivas e com uma afeição cada vez maior às tecnologias da informação, assumindo o papel de *natura naturans* da cosmologia ocidental clássica com o seu antigo princípio de plenitude natural. (Martins, 2012: 134)

Tal plasticidade do mundo natural deve-se sobretudo às mudanças tecnocientíficas decorrentes do crescente processo de cibernização do mundo que, de acordo com Martins (2012: 134), também o é “da sociedade, da personalidade, da cultura e da natureza.” No entanto, diferentemente da era industrial, o imaginário da tecnociência é difundido contemporaneamente, por meio de um mecanismo discursivo capaz de gerar e reproduzir infinitamente, imagens e narrativas que encontram terreno fértil na forte mediatização da sociedade e na primazia do entretenimento que hibridiza ficção científica e informação. A tal plasticidade da matéria viva, em particular aquela aplicada ao corpo humano, tem servido como potente combustível para fazer girar o motor, não apenas da nova indústria de corpos biocibernéticos, mas também a do entretenimento e da notícia.

Neste sentido, podemos dizer simplificada, que a cibernética, com a sua premissa de que não existem diferenças entre os seres vivos e os artefatos tecnológicos, pelo fato de ambos terem sua existência baseada em processos informacionais, como apontam os postulados de Wiener (1948), se transforma na base sobre a qual se edifica o imaginário acerca das infinitas possibilidades de atuação da tecnociência sobre o corpo humano que impulsiona tanto o campo científico quando o universo ficcional.

É preciso dizer ainda, que a incorporação do pensamento cibernético pela tecnociência não reforçou-lhe apenas um imaginário cosmogênico, incluindo aí a possibilidade de recriação do próprio homem, este processo, ao mesmo tempo em que colocou o ser humano como senhor e controlador de todo o mundo natural—o que implica na transfiguração do próprio corpo e de sua condição humana por meio das possibilidades da bioengenharia—, também pôs em xeque sua singularidade ao parear máquinas, animais

e seres humanos sob o princípio informacional. A *Superinteressante* também expressa esta linha de pensamento em suas reportagens e uma mostra disso é a chamada publicada em outubro de 2012, mencionada no início deste trabalho e que refere à capacidade cognitiva dos animais de estimação.

Assim, como nos mostra Martins, a natureza na condição de natureza cibernética, torna-se sujeita à apropriação computacional e é deste modo que os modelos computacionais da mente, da vida, do universo ou de Deus tornam-se mais compreensíveis na sociedade contemporânea (Martins, 2012: 145). Os feitos da tecnociência transformam-se em espetáculo com facilidade, a cada novo limite natural ultrapassado, ampliando cada vez mais seu alcance, fascínio e capacidade de sedução.

Não é à toa que a indústria do imaginário⁴ movimenta tanto dinheiro com a produção e comercialização de conteúdos voltados às especulações sobre o futuro do humano, aos corpos biocibernéticos, ciborgues, andróides e outras figuras da matriz cibernética, alimentando seus orçamentos e também o imaginário das sociedades de consumo, ao exibir as imagens dos corpos modificados ou reestruturados a partir da reconstrução de suas partes produzidas em laboratório ou acoplamentos maquímicos capazes de retificar falhas ou amplificar potencialidades.

A discursividade e a imagética sobre o corpo aprimorado

Às imagens do corpo investido de tecnociência difundidas no espaço midiático contemporâneo, aplica-se toda uma gama de recursos gráficos computacionais capazes de dar forma ao devir do corpo, agora simulável e portanto, visualizável. Assim, a imaginação sobre o corpo torna-se uma imagem coletiva, construída ou induzida.

Este processo de aplicação da técnica computacional com vistas a dar forma às potencialidades dos investimentos da tecnociência sobre o corpo humano é um recurso largamente utilizado por todos os produtos midiáticos, sejam eles ligados ao puro entretenimento, como o caso do cinema de ficção científica, ao jornalismo, como ocorre por exemplo nos telejornais, ou ainda ao *infoentretenimento* científico, como é o caso da revista *Superinteressante*. As reportagens ali desenvolvidas

4 Conceito utilizado por Pierre Musso (2014) para identificar toda a complexa operação de produção e consumo de produtos midiáticos, sejam eles voltados para a informação ou para o entretenimento.

para dar visibilidade às inovações do que ela chama de “ciência”, na maior parte das vezes, trata de pesquisas ainda com resultados bastante embrionários e sem condições de produzir imagens impressionáveis, que possam corresponder minimamente ao que já foi projetado em larga escala pela ficção científica ou mesmo cumprir a função espetacular à qual os meios de comunicação deste segmento se propõem.

Podemos dizer que esta é uma das formas com que os conteúdos midiáticos materializam a expressão grupal. De acordo com Armando Silva (2014), o imaginário se compõe tanto da inscrição psíquica, quanto da social e ambas encontram no dispositivo técnico o mecanismo de sua expressividade, deste modo, a técnica expressiva afeta os possíveis imaginários produzidos e percebidos (Silva, 2014).

Um exemplo deste fenômeno aplicado ao nosso estudo é a matéria de capa da edição 294, publicada em agosto de 2011 com o título: “O seu novo eu”. A reportagem procura traçar um panorama das potenciais inovações da ciência sobre o corpo humano para um futuro que a redação da revista faz questão de aproximar, a fim de provocar no leitor a sensação de inevitabilidade. Em outras palavras, a reportagem faz um prenúncio de quais são as intervenções sobre o corpo que estão sendo preparadas pela tecnociência e que brevemente figurarão no rol das possibilidades de autotransformação e estarão disponíveis para aqueles que tiverem condições financeiras de acessá-las e consumi-las.

No pequeno texto, localizado logo abaixo do título, em letras maiores com o intuito de chamar a atenção para a leitura da matéria completa, vemos claramente como a estratégia discursiva é capaz de transformar uma pesquisa ainda em fase de desenvolvimento intralaboratório em uma fantástica inovação - já no âmbito do factível - que corresponda aos contornos fantasiosos do imaginário ficcional do qual se impregnam também as premissas tanto sobre o pós-humanismo⁵ quanto o transumanismo⁶.

5 Corrente de pensamento que surge sob o entendimento de que haveria uma necessidade de redefinição da noção de humano que fosse capaz de abarcar as transformações possibilitadas pela ciência e pela tecnologia. Nesta perspectiva, privilegia-se o padrão informacional sobre a instância material. De acordo com a visão pós-humanista, o corpo seria como a prótese original que aprendemos a manipular, estendendo-a ou substituindo suas partes por outras que se tornam a continuação de um processo que se inicia antes mesmo de nascermos. No pós-humanismo, não há demarcação entre a existência corporal e a simulação computacional. (Hayles, 1999: 3)

6 Trata-se de um movimento intelectual e cultural que tem como missão melhorar fundamentalmente a condição humana pelo uso da razão, desenvolvendo e tornando acessíveis as técnicas

Observemos seu conteúdo: “Força sobre-humana. Olhos que enxergam no escuro. Implantes que dão ao cérebro novas funções -e até um sexto sentido. Sim: tudo isso é real, e já está sendo desenvolvido em laboratórios de pesquisa. Conheça as novidades que vão revolucionar o corpo humano”.

Notemos que não se tratam de promessas que anunciam inovações destinadas à reparação de deficiências ou eventuais perdas, mas que tem por finalidade amplificar ou potencializar as capacidades humanas extrapolando os limites do corpo. Optar por uma ou outra destas possibilidades de “acoplamento” seria atuar sob uma lógica de consumo equivalente àquela que nos leva a escolher os produtos de beleza, as roupas e acessórios, a suplementação alimentar, as cirurgias plásticas ou os ainda serviços estéticos e de condicionamento físico. No entanto, existem diferenças entre estes dois modos de interferir sobre o corpo e estas residem em aspectos que precisam ser destacados.

O primeiro deles consiste no fato de que as promessas anunciadas na revista extrapolam o âmbito da busca por um ideal estético e esbarram numa alteração da percepção ontológica, ou seja, a possibilidade de realizar *upgrades* das capacidades do corpo redefinem não apenas a sua forma e apresentação, mas a própria ideia que temos do que é o humano ou de quais são os seus limites; outra característica observada neste modo de pensar o corpo, encontra-se na maneira como ela se embasa numa visão computacional da vida e portanto, nos princípios cibernéticos que, como vimos anteriormente, são capazes de também redefinir o lugar do humano no mundo em relação aos paradigmas vigentes, equiparando-o a outros seres vivos, como também às coisas inanimadas, propondo assim um paralelismo com as máquinas, por exemplo. E finalmente, a discursividade da chamada, nos leva ainda a verificar que o corpo é posicionado como o mais novo empreendimento da bioengenharia ou da biotecnologia, ou seja este corpo investido de tecnociência é o mais novo produto disponível para consumo, um suporte capaz de suportar a lógica produtivista da vida atual, de garantir maiores chances de sobrevivência na luta concorrencial e individualista sob a qual se pautam os regimes

que permitiriam eliminar o envelhecimento e aumentar as capacidades intelectuais, físicas e psicológicas do homem. (Dupuy in Novaes, 2009: 90). Podemos dizer que o transumanismo é uma das várias vertentes do pós-humanismo, na qual se verifica uma tendência mais utópica que culminaria na perspectiva da imortalidade para os seres humanos.

neoliberais imperativos, não apenas nas relações de trabalho, mas em todas as esferas da vida social. (Dardot y Laval, 2016: 54)

O exemplo da edição 294, ilustra um padrão discursivo que se repete nas reportagens que fazem referência ao corpo humano, publicadas entre os anos de 2004 e 2014. É possível perceber também que o viés cibernético torna-se cada vez mais acentuado a partir de 2008. De qualquer modo, ao confrontar as reportagens acima mencionadas, observamos que, seja qual for o recorte feito pela *Superinteressante* acerca da aplicação daquilo que ela chama de “ciência” sobre o corpo, a estrutura da argumentação será semelhante. É o que ocorre, apenas para termos uma breve visualização do fato, quando o assunto são os “superbebês” da edição 301, publicada em 2012, “o garoto imortal” da edição 275 em 2010, “o câncer” da 318 em 2013 ou os “humanos” da edição 339 em 2014.

Em todas estas publicações da revista em que o corpo emerge como objeto das peripécias tecnocientíficas, as promessas perpassam a ideia de inevitabilidade, de plasticidade da matéria viva, o entendimento computacional do corpo e da mente, ao mesmo tempo em que as reportagens são construídas a partir de uma matriz narrativa que se aproxima da ficcional, de onde é possível extrair os elementos chave do imaginário construído acerca do futuro do humano, bem como a ideia de uma “ciência” heróica e mãe criadora, remetendo ao ideário industrial produzido ainda no século XIX, como já reportado anteriormente.

Mas o imaginário tecnocientífico e cibernético não aparece apenas no conteúdo verbal das matérias. Ele é reforçado pela construção visual que plasma, por meio dos recursos da computação gráfica, os atributos de todas estas referências que relacionamos acima às imagens do corpo, como podemos observar nas figuras humanas sem traços identitários contruídas por computador, e fundidas às linhas que compõem uma trama reticular que remetem claramente à matriz computacional, como vemos ainda no exemplo da edição 294 (figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6)

Figura 1 – Capa da edição 294



Figura 2 – Superinteressante, edição 294, pgs. 56 e 57



Fig. 3 – Superinteressante, ed. 294, pg. 63

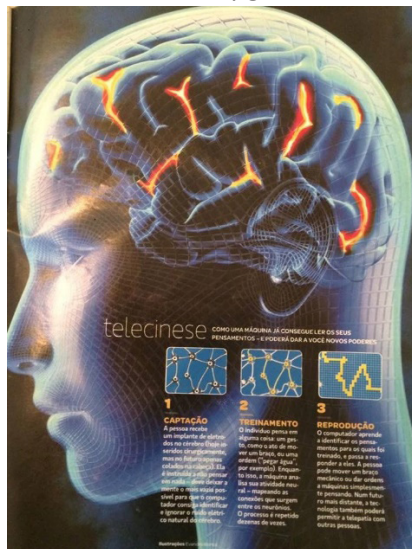


Fig 4 – Superinteressante, edição 294, pg. 61



Fig 5 – Superinteressante, edição 294, pg. 65



Fig 6 – Superinteressante, edição 294, pg. 58 294, pg. 65



Tomemos a ideia de imaginário, neste caso, como um reservatório/motor capaz de agregar imagens, experiências, sentimentos, memórias ou visões do real que realizam o imaginado. Uma espécie de compilação de leituras da vida que se realiza por meio de um mecanismo individual e grupal capaz de sedimentar um modo de ver, ser, agir, sentir e de aspirar o estar no mundo. Podemos dizer então que a potência do imaginário para a tecnociência é inestimável, considerando que a distância entre a ficção científica e as descobertas factíveis da ciência tem se encurtado a cada dia, devido ao próprio processo de aceleração gerado pela industrialização do conhecimento científico e suas aplicações mercadológicas.

Um exemplo são as possibilidades da medicina regenerativa que, em conjunto com a bioengenharia, vêm desenvolvendo a criação de novos órgãos a partir de células tronco. São práticas da tecnociência, que certamente tiveram sua origem no imaginário da civilização humana, uma vez que, como nos coloca Breton (1995), a questão da perfectibilidade do homem sempre foi considerada seja pelo discurso político, ou pela criatividade técnica. Breton (1995: 83) “De facto, todos os grandes mitos, todas as grandes teorias, todas as narrativas que contribuíram para a estruturação das sociedades humanas, tem como fundamento uma definição de homem.”

Com base nas argumentações de Breton (1995), de que cada momento histórico contem uma definição, uma ideia, uma imagem do que é o homem, e colocando este pensamento em diálogo com as elaborações de Durand (1996) e Musso (2014), sobre a potencia criadora do imaginário, é possível inferir que, as mais ousadas inovações da tecnociência, pelo menos no que diz respeito às modificações do humano, só tem sido possíveis, ou só estão no rumo atual, dada a potência com que o pensamento cibernético têm se arraigado em nosso tempo.

Para Durand (1996), não há arbitrariedade nas representações humanas de qualquer natureza. O que se nota é uma convergência entre as mais distantes e diferentes áreas, e esta se dá no âmbito das representações de um modo geral, sejam elas primitivas, civilizadas, individuais, coletivas, normais ou patológicas, pelo fato de estas estarem sempre dotadas de sentido. É por este motivo que os seres humanos foram capazes de compreenderem-se mutuamente através do tempo e ainda o são independentemente da distância ou do tipo de civilização. Se os mitos e mais toda a literatura podem

ser traduzidos universalmente é porque o *homo sapiens* pode contar, segundo Durand (1966: 68-9), com um “patrimônio inalienável e fraterno que constitui o império do imaginário”.

Considerações finais

Na sociedade ocidental contemporânea, grande parte da constituição deste imaginário fica a cargo das mídias e de uma indústria da informação e do entretenimento que se organizou em torno dos mais diversificados suportes comunicacionais. Sabemos também que os processos midiáticos avançaram não só em termos de recursos tecnológicos, eles avançaram no sentido das operações de significação. Para Morin, tais avanços são notados nas operações de sentido que constituem o dispositivo básico de funcionamento da indústria cultural que funde dois espaços até então mantidos separados pela ideologia: o da informação e o do imaginário ficcional (Morin, 1997: 36).

Ainda de acordo com Morin, junto com a semântica das operações de sentido, também se alteram os modos de inscrição na vida cotidiana, definidos pelo filósofo como o conjunto dos “dispositivos de intercâmbio cotidiano entre o real e o imaginário”, aqueles que proporcionam apoio imaginário à vida prática e vice-versa (1997: 77). São os intercâmbios entre o real e o imaginário que são capazes de alimentar os processos de legitimação da tecnociência no que diz respeito às intervenções sobre o corpo humano, sobretudo em um estado de cultura no qual a cibernética se encarrega de fundir materialidade e virtualidade.

É sob este “estado de cultura cibernético”⁷ que opera a discursividade da revista *Superinteressante*. Não por acaso, os laboratórios do *Silicon Valley* são referidos como fonte usual para as matérias desenvolvidas pela *Super*. É evidente o esforço no sentido de levar para as capas as chamadas com maior apelo de vendas, uma vez que esta, de acordo com o que foi apurado em entrevista exploratória com a editoria da revista, seria sustentada basicamente pela venda dos exemplares, não havendo muitos anunciantes para as publicações.⁸ Por este motivo, também não é estranho notar que estas chamadas de capa trazem, além da imagem da ciência como mãe criadora e fonte de verdade incontestável, discussões em torno da singularidade humana, descobertas

⁷ Quando a cultura se torna cultura como informação. O que é obvio no caso da cultura cognitiva paradigmática ou da tecnociência. (Martins, 2012: 147)

⁸ Entrevista realizada pela primeira autora em setembro de 2014.

acerca da consciência animal, inovações que tornam máquinas cada vez mais humanas e humanos cada vez mais maquínicos.

Há, na *Superinteressante*, um futurismo pertinente ao horizonte do tecnicamente possível. A revista está o tempo todo a nos dizer que o futuro é hoje e que o amanhã é a materialização da ficção científica. Em outras palavras, a “ciência” pode tornar o imaginado possível. A *Superinteressante* descreve a imagem de um “novo homem” criado pela tecnociência, a partir de um imaginário edificado sobre o estado de cultura cibernético e nos diz que esse “novo homem” é o que já somos.

Breton (1995), ao narrar a recorrente busca do humano pelo ato moldador e pela criação da criatura à sua imagem e semelhança, traça um histórico desta prática ao longo da trajetória humana e mostra que a tal criatura é uma reprodução da imagética do humano que se tem em cada respectivo momento. Também vemos em Musso (2014) e Martins (2012) o quanto é sedutora a ideia de que a ciência e a técnica irão prover a abundância, a longevidade, a melhoria das capacidades e habilidades cognitivas e motoras humanas, a cura de doenças e o bem-estar geral, o que reaviva o mito prometeico erigido pelo imaginário industrial potencializado pela cibernética.

Por fim, podemos sugerir que, na leitura da *Superinteressante*, o que se busca, além do entretenimento, da diversão e da informação, são as possibilidades de lutar contra a obsolescência humana⁹ e de alcançar um corpo perfeito -eternizado em sua eficiência- uma vez que ela nos traz as novidades sobre a tecnociência, a qual segue o ritmo frenético da indústria e dos mercados que se estendem à transfiguração da natureza e do corpo. Busca-se, ao ler a revista, consumir a noção de que a “ciência” nos diz a “verdade” e principalmente, a “verdade” que gostaríamos de ouvir, como a promessa de que graças à esta ciência, teremos um novo corpo, sempre renovável, podendo nos ver livre das limitações que ele nos impõe para vivermos *felizes para sempre*.

Referencias

- ANDERS, G. (2002) *L'Obsolescence de l'homme. Sur l'âme à l'époque de la deuxième révolution industrielle*. Paris: Ivrea/Encyclopédie des Nuisances.
- BRETON, P. (1995) *À imagem do homem. Do Golem às criaturas virtuais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CASTRO, A. L. (2007) *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Anna Blume.
- DAGNINO, R. “Um debate sobre a tecnociência: a neutralidade da ciência e determinismo tecnológico”. Disponível em: <<http://www.ige.unicamp.br/site/aulas/138/UM_DEBATE_SOBRE_A_TECNOCIENCIA_DAGNINO.pdf>>. Acessado em 15/02/2015.
- DARDOT, P; LAVAL, C. (2016). *A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- DUPUY, J.P. (2009) *O transumanismo e a obsolescência do homem*. In NOVAES, Adauto. *A condição humana. As aventuras do homem em tempos de mutações*. São Paulo: Edições SESC e Agir, pp. 89-122.
- DURAND, G. (1996) *Campos do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget.
- FRIEDMANN, G. (1949) “Les technocrates et la civilisation technicienne”. In: Gurvitch, Georges. *Industrialisation et technocratie*. Paris: A. Colin. pp. 43-62.
- GARCIA, J. L. (2010) “Tecnologia, mercado e bem estar humano: para um questionamento do discurso da inovação”. In: *Tecnologia e configurações do humano na era digital: contribuições para uma nova sociologia da técnica*. COSTA, Manuel da Silva e; NEVES, José Pinheiro (Org.) Lisboa: Edições Ecopy, 2010 (65 – 90).
- GOMES, I. M. M. (2008) “O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico”. In: Duarte, E. D.; Castro, M.L.D. (Orgs.) *Em torno das mídias. Práticas e ambiências*. Porto Alegre: Sulina, v. 1, p. 95-112.
- HAYLES, K. N. (1999) *How we became posthuman. Virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*. Chicago: The University of Chicago Press.

9 ANDERS, Günther. *L'Obsolescence de l'homme. Sur l'âme à l'époque de la deuxième révolution industrielle*, Paris, Ivrea/Encyclopédie des Nuisances, 2002 [1956], p. 9.

HOTTOIS, G. (2006) *La tecnoscience: de l'origine du mot à son usage actuel. Recherche em soins Infirmier* nº86, p. 24 – 32.

LATOUR, B. (2013) *Investigación sobre los modos de existência. Una antropologia de los modernos.* Buenos Aires: Paidós.

MARTINS, H. (2012) *Experimentum humanum. Civilização tecnológica e condição humana.* Belo Horizonte: Editora Fino Traço.

MORIN, E. (1972) *El cine e el hombre imaginário.* Barcelona: Paidós.

MUSSO, P. (2014) *L'Imaginaire Industriel.* Paris: Éditions Manucius.

SANTOS, L. G. (2003) *Politizar as novas tecnologias.* São Paulo: Editora 34.

SILVA, A. (2014) *Imaginários, estranhamentos urbanos.* São Paulo: Edições SESC São Paulo.

SUPERINTERESSANTE. *Superarquivo.* Disponível em: <<http://super.abril.com.br/superarquivo>> Acesso em: 20/01/2015

WEINER, N. (1968) *Sociedade Cibernética. O uso humano dos seres humanos.* Trad. Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.

_____ (1948) *Cybernetics.* Cambridge: MIT Press.

Citado. DAMIATI, Djaine y CASTRO, Ana Lucía (2017) "Um olhar sobre o corpo na revista brasileira Superinteressante: conexões entre imaginário e tecnociência" en Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES, Nº23. Año 9. Abril 2017-Julio 2017. Córdoba. ISSN 18528759. pp. 58-68. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/443>.

Plazos. Recibido: 03/03/2016. Aceptado: 07/11/2016